

Desambiguar Lacan de Freud

Sander Machado e Luciana Nunes (Orgs.)

Artes & Ecos, 2023, 159 págs.

Desambiguar Freud de Lacan: um retorno com consequências

*To desambiguate Lacan of Freud:
a return with consequences*

1

Felipe José Corrêa de Oliveira*¹

O livro organizado por Sander Machado e Luciana Nunes conta com oito capítulos nos quais os autores defendem uma proposta de leitura da obra lacaniana que busca desfazer uma suposta equivalência entre Lacan e Freud, ideia comum no campo psicanalítico. Cada autor sustenta o argumento por uma via própria e com seu estilo, sem perder de vista o rigor necessário para tal empreitada.

A cada capítulo o leitor é convidado a acompanhar um percurso proposto em torno de temas fundamentais para a psicanálise. É surpreendente o caminho que os achados dos autores percorrem, uma vez que é na própria esteira do texto lacaniano

*¹ Universidade La Salle (Canoas, RS, Brasil).

que encontraremos proposições conflitantes com o que é difundido em meios psicanalíticos, ou seja, a própria desambiguação proposta no livro, onde Lacan não necessariamente coincide com Freud. A qualidade da escrita que temos em mãos não se dá sem a capacidade de uma leitura atenta e perspicaz dos referidos autores. Sendo assim, somos contemplados com uma obra potente, que não se pretende superior a outras leituras, mas que nos coloca um horizonte menos nebuloso na psicanálise.

A necessidade de uma desambiguação da teoria lacaniana da teoria freudiana surge questionando a naturalização da equivalência entre os autores que acaba por fomentar o obscurantismo teórico e dificultar a própria compreensão da psicanálise com malabarismos epistemológicos e conceituais, colocando a transmissão mais próxima de um exercício de poder onde a hierarquia das transferências inibe a capacidade do avanço da psicanálise. Lacan (1960/1998c) em “A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” ao argumentar sobre a necessidade de uma teorização do sujeito para a psicanálise diz que:

2

Uma carência da teoria, reforçada por um abuso em sua transmissão, os quais, por não deixarem de ser perigosos para a própria práxis, resultam, tanto um quanto o outro, numa ausência total de status científico. Formular a questão das condições mínimas exigíveis para tal status não era, talvez, um ponto de partida desonesto. (p. 808)

Portanto, a proposta do livro aqui em questão reitera a ideia de que a psicanálise exige condições fundamentais que acabam se perdendo na insistência de uma tautologia prejudicial ao campo psicanalítico, fomentando fixação da mestria, dificultando os giros necessários para a produção de um discurso analítico na cultura. A ambiguidade é sustentada na transmissão por processos de esquecimentos, negações e apagamentos em ambas as teorias, produzindo uma leitura chamada de *freudolacaniana*. Curioso caso de exclusão de um intervalo entre esses nomes, ou seja, um tamponamento da própria lógica significativa, que é único justamente por não operar só (Lacan, 1955/1998b).

Os autores reconhecem as diversas correspondências entre as teorias. Seria ingênuo dizer que não existem, uma vez que Lacan se volta justamente para o que Freud escreveu. Porém, não se trata de uma repetição mais complexa do que já foi dito; se assim fosse, estaríamos diante do cenário incansável e estagnado da repetição. A lógica e a coerência epistemológica de cada teoria são os eixos condutores dessa proposição.

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

A epistemologia com a qual Lacan retorna a Freud é o tema do capítulo de abertura do livro escrito por Luciana Nunes. Nele a autora argumenta que o retorno a Freud proposto por Lacan é um retorno de ruptura e descontinuidade, uma vez que não é sem efeitos que a linguística, a antropologia, a topologia e a matemática encontram a psicanálise. O conceito de sujeito lacanianiano, convertido na ideia de indivíduo freudiano, é trabalhado por Sander Machado no capítulo seguinte, tendo em vista que Freud não desenvolve em sua obra um conceito de sujeito como propõe Lacan, e sim uma noção de indivíduo. Dessa forma, a psicanálise perderia espaço no debate contemporâneo interdisciplinar. No terceiro capítulo, Alfredo Eidsztein analisa os desdobramentos da psicanálise lacanianiana onde seus seguidores fariam desaparecer o próprio paradigma que Lacan propôs, criando um outro completamente diferente. No capítulo seguinte, Martín Mezza aborda como cada teoria trata a divisão do sujeito (*Spaltung*). Tendo Freud feito um paralelismo entre realidade interna e externa e Lacan trabalhando com as noções de objeto *a* e Grande Outro barrado (*Å*). O problema da responsabilização subjetiva como a imputação de algo, ou seja, como uma condenação é explorado no capítulo subsequente, por Camila Kushnir. A autora discorre sobre como a psicanálise incorporou essa noção corroborando como uma lógica neoliberal da individualização. }

Inclui-se no corpo do livro um capítulo de Ricardo Goldenberg que se propõe a uma crítica à ideia da desambiguação. O autor afirma que a psicanálise não existe sem um ponto de origem e que Lacan é um autor de incertezas e ambiguidades, sendo problemática a tentativa de encontrar um Lacan puro. Nesse sentido, ressalta-se o cuidado dos organizadores ao tratar do tema marcando a posição de que a desambiguação não se propõe a elencar uma teoria como mais acertada, nem mesmo colocar a desambiguação como a única leitura, incluindo no conjunto de textos esse capítulo.

No capítulo seguinte, Flávia Dutra discorre sobre a compreensão da Coisa (*das ding*) e como ela teria influenciado os lacanianos a reincorporar a noção biológica na psicanálise. Situando o gozo e o corpo inscrito no Real como a negação do paradigma lacanianiano. Por fim, Marta D'Agord trata da diferença entre a etologia onde Lacan se apoia para teorizar o inconsciente e a teoria da evolução que inspira Freud, diferenciando os autores em pontos cruciais.

É com esse fôlego que somos convocados a acompanhar a lógica do projeto lacanianiano para a psicanálise, pautada em um retorno à descoberta freudiana, o que implica um retorno crítico a Freud. Os autores de

Desambiguar Lacan de Freud, nos fornecem uma chave de leitura, possibilitando e corroborando com Lacan (1953/1998a) quando afirma que “os conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (p. 247). Ou seja, a coerência epistemológica e o entendimento dos diferentes paradigmas científicos de Freud e Lacan se mostram imprescindíveis para a continuidade do debate psicanalítico, tal como sua permanência e relevância na cultura.

Referências

- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem. In Jacques Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998b). O seminário sobre “A carta roubada”. In Jacques Lacan, *Escritos* (pp. 13-66). Zahar. (Trabalho original publicado em 1955).
- Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In Jacques Lacan, *Escritos* (pp. 807-842). Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- 4 Machado S., & Nunes, L. (Orgs.) (2023). *Desambiguar Lacan de Freud*. Artes e Ecos.

Resenha submetida em 25.06.2023

Resenha aceita em 23.08.2023

felipecorrea.oli@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-1607-8795>



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.
